

Hunsrückisch

em prosa & verso

Textos do I Concurso Literário de
Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017

Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI)

Instituição Executora

IPOL - Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística
Rua Lauro Linhares, 2123, sala 713, torre A - Trindade - Florianópolis, SC
Coordenação Geral: Rosângela Morello

Instituição Parceira

Projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch)
Coordenação: Cléo Vilson Altenhofen
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Instituto de Letras
Direção: Sérgio de Moura Menuzzi
Vice-direção: Beatriz Cerisara Gil

Instituição Apoiadora

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ministério da Cultura, Governo Federal

Equipe de Execução do Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI)

Coordenação Geral: Rosângela Morello
Coordenação de Pesquisas de Campo: Cléo Vilson Altenhofen
Assistência Executiva: Tamissa Gabrielle Godoi
Pesquisadores: Ana Carolina Winckelmann, Ana Paula Seiffert, André Ricardo Kuster Cid, Angélica Prediger, Chari Meleine Brevers Gonzalez Nobre, Cléo Vilson Altenhofen, Cleuza Hehr, Edenize Ponzo Peres, Eduardo Gonçalves Nunes, Gabriel Schmitt, Gerônimo Loss Bergmann, Jussara Maria Habel, Livia Gomes dos Santos, Luana Cyntia dos Santos Souza, Lucas Löff Machado, Luciane Ouriques Ferreira, Mariela Felisbino da Silveira, Paola Inhaquite Wollmann, Reni Klippel Machado, Rodrigo Schlenker, Rosângela Morello, Sofia Froehlich Kohl, Tamissa Gabrielle Godoi, Viktorya Zalewski Pietsch dos Santos, Willian Radünz.

Hunsrückisch

em prosa & verso

Textos do Concurso Literário de Poemas
e Contos em Hunsrückisch 2017

Organizadores:
Cléo V. Altenhofen
Gerson R. Neumann
Jussara M. Habel
Angélica Prediger

Editora do Instituto de Letras - UFRGS
Porto Alegre
2018

Hunsrückisch em Prosa e Verso
Textos do I Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017
© 2018 dos respectivos autores.

Organização:

Cléo Vilson Altenhofen, Gerson Roberto Neumann, Jussara Maria Habel, Angélica Prediger

Editoração e Design:

Leandro Bierhals Bezerra

Capa:

Leandro Bierhals Bezerra sobre imagens de Sara Susana Winckelmann

Ilustrações:

Sara Susana Winckelmann

Revisão e formatação dos textos:

Cléo Vilson Altenhofen, Ana Carolina Winckelmann

Captção de textos e supervisão:

Ana Carolina Winckelmann

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

H938 Hunsrückisch em prosa & verso : textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017 [recurso eletrônico] / Organizadores, Cléo V. Altenhofen ... [et al.]. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Instituto de Letras - UFRGS, 2018.

Requisitos do sistema: Adobe Reader.

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN on-line: 978-85-64522-38-1

1. Literatura alemã - Poemas. 2. Literatura alemã – Contos. 3. Escrita Hunsrückisch. I. Altenhofen, Cléo V.

CDD 831

Catálogo na publicação: Poliana Sanchez de Araujo – CRB 10/2094

A escrita do Hunsrückisch

Cléo Vilson Altenhofen¹

Angélica Prediger²

Jussara Maria Habel³

Considerações Iniciais:

Sobre o papel do Hunsrückisch na imigração

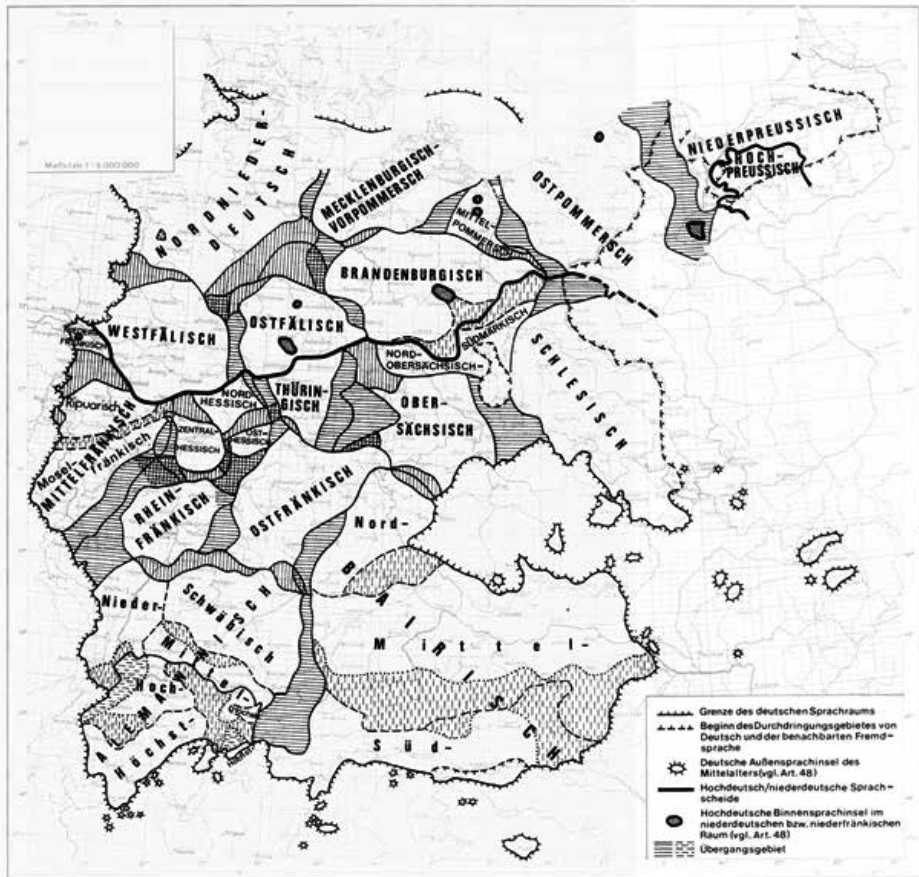
A língua alemã trazida pelos imigrantes, a partir de 1824, envolve um leque de variedades dialetais, que se pode agrupar em três grandes grupos e áreas: 1) o grupo do baixo-alemão (*Niederdeutsch*), de dialetos do Norte da Alemanha, como o pomerano e o vestfaliano; 2) do centro da Alemanha (médio-alemão, *Mitteldeutsch*), onde se situa o Hunsrückisch e o Hochdeutsch; 3) do sul, incluindo o bávaro, suábio, suíço, tirolês, austríaco, etc. (veja-se mapa na página seguinte). Cada uma dessas variedades corresponde a um “modo de falar alemão” da matriz de partida na Europa.

No Brasil, essas variedades entraram em contato entre si e com o português. Isso levou à necessidade de um “alemão comum”, para a intercompreensão entre os imigrantes. No imaginário dos falantes, a língua que cumpria essa função de “língua comum”, porque já tinha um *status* de norma padrão foi o *Hochdeutsch* (alemão culto), seja na oralidade, seja na escrita. Esse Hochdeutsch se formou a partir do centro, do médio-alemão, e teve por isso no Hunsrückisch um candidato muito mais próximo do que em outras variedades. No entanto, o Hochdeutsch local, das áreas de imigração alemã no Brasil, não pode ser confundido, ao menos na oralidade, com o alemão-padrão que se busca ensinar na escola, embora se aproxime dele. Na oralidade, ele é mais coloquial e rico em nuances lexicais locais e dialetais. Basta lembrar o sermão de um padre, ou a fala de um radialista, de um comerciante ou médico local, enfim de pessoas consideradas mais cultas. Por ser também a norma escrita do conjunto da língua alemã, o Hochdeutsch foi mais falado por quem teve mais acesso a textos escritos em alemão, ou que veio de uma região onde essa norma estava mais presente. Nas colônias, como esse acesso à escrita em alemão era restrito, seu conhecimento muitas vezes foi parcial, dando oportunidade a que a variedade dialetal de casa, como língua materna, ocupasse o lugar do Hochdeutsch.

1 Professor Titular do Setor de Língua e Literatura Alemã da UFRGS e Pesquisador falante do Hunsrückisch, na linha de Sociolinguística, do Programa de Pós-Graduação em Letras / UFRGS.

2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras / UFRGS e falante do Hunsrückisch e do Hochdeutsch, originária da região de Colinas – RS.

3 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras / UFRGS e falante do Hunsrückisch e do Hochdeutsch, originária da região de Paverama – RS.



Karte 47.4: Einteilung der deutschen Dialekte: Die Gliederung der deutschen Dialekte (in den ersten Jahrzehnten des 20. Jhs.)

Fig. 1 – Mapa das áreas dialetais da língua alemã, conforme Wiesinger (1983, mapa 47.4): as principais marcas do Hunsrückisch provêm do Rhein-Fränkisch (francônio renano) e do Mosel-Fränkisch (francônio moselano). Obs.: a linha mais escura separa as áreas do baixo- e alto-alemão.

O Hunsrückisch, como variedade proveniente do médio-alemão, foi o candidato que, na sua falta, ocupou, por sua maior semelhança com a norma do Hochdeutsch, essa vaga de “língua comum”. Através da vinda sucessiva de remigrantes (*Zuwanderer*) que, na Alemanha, já tinham incorporado uma competência adicional em Hochdeutsch ao seu repertório linguístico, esse Hunsrückisch Rio-Grandense foi se remodelando e ressignificando, ou seja, os falantes em contato perceberam que havia variantes mais dialetais e mais cultas. Foram provavelmente os *Zuwanderer* que introduziram o termo *Hunsrückisch*, para dizer que “isso não era Hochdeutsch”, “isso era uma fala mais dialetal, predominantemente de pessoas originárias do Hunsrück”. Muitos hunsriqueanos, como na família Altenhofen (originária de Weiler bei Bingen), costumavam dizer que simplesmente falavam *Deitsch* ou *Plattdeitsch*. Não deixa de ser verdade que se trata do alemão dessa área em torno do Hunsrück, sobretudo próxima do Palatinado (Pfalz). Mas o que assume relevância, na definição do Hunsrückisch, em sua relação com o Hochdeutsch, é a pergunta “por que o

Hunsrückisch se difundiu com tamanha força por uma área que se estende até a Amazônia e, para além das fronteiras, até Misiones (na Argentina) e o Paraguai”. De onde vem a importância do Hunsrückisch, na história da imigração, a ponto de imigrantes de outras regiões da Europa muitas vezes aderirem a essa “língua alemã comum”? E mais: o que isso tem a ver com a escrita do Hunsrückisch?

Princípios básicos

Colocamos essas considerações iniciais, para mostrar que a escrita do Hunsrückisch não pode se dissociar de sua relação com o Hochdeutsch, ao menos local. Na oralidade, o Hunsrückisch foi ganhando espaço por isso. Mas, na escrita, quando se escrevia, se escrevia normalmente na norma do Hochdeutsch, apesar da tradição escrita que Gerson Neumann coloca acima. Quando se pretende escrever em Hunsrückisch, no entanto, se busca respeitar a variante falada, que difere da norma escrita padrão, mas não é algo à parte, e sim dialoga com a fala coloquial e se mescla com variantes mais ou menos dialetais, mais ou menos elevadas. Isso se pode observar nos textos selecionados para este I Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch. É difícil dissociar o Hunsrückisch do Hochdeutsch. De um lado, há aqueles autores que falam / escrevem em uma variante mais dialetal – por exemplo, *kleen, well, Steen* (ao invés de *klein, weil, Stein*) – que denominamos de Hunsrückisch do tipo *Deitsch*. Mas há também aqueles que aproximam sua fala à norma escrita em Hochdeutsch – por exemplo, *gesaht, Gemeind, Schwirichkeit* (ao invés de *gesoohht, Gemeen, Schwirichket*) e que denominamos de tipo *Deutsch*. Essa variação nos obriga a definir alguns princípios básicos, para harmonizar todas essas diferenças e conseguir abrigá-las num mesmo sistema de escrita, que chamamos de ESCRITHU (Escrita do Hunsrückisch, ver ALTENHOFEN et al., 2007). A construção desse sistema de escrita do Hunsrückisch deu-se pela necessidade de transcrever os dados gravados para o projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H – ver <https://www.ufrgs.br/projalma/escrithu-sistema-de-escrita-do-hunsrueckisch/>). Entre os princípios considerados na escrita do Hunsrückisch, pelo ESCRITHU, estão os seguintes:

- 1º) Precisamos partir das normas de escrita do Hochdeutsch, para dar conta das interrelações do Hunsrückisch com o Hochdeutsch. Pois:
- 2º) O Hunsrückisch apresenta uma grande variação, que tende tanto para o tipo mais Deutsch ([+padrão]), quanto mais Deitsch ([+dialetal]). É preciso respeitar essa variação.
- 3º) Por conta dessas relações, a escrita do Hunsrückisch pode contribuir para uma aprendizagem e compreensão mútua entre Hochdeutsch e Hunsrückisch mais eficaz, tanto para quem fala Hunsrückisch e queira aprender adicionalmente o Hochdeutsch, quanto para quem domina o Hochdeutsch e queira ou necessite aprender adicionalmente o Hunsrückisch. Não podemos pensar em uma escrita apenas para os falantes de Hunsrückisch. Estes, além disso, podem se tornar no mínimo trilíngues: além do português, conhecer sua “língua alemã de casa” e desenvolvê-la como um conhecimento de língua de valor inestimável; e, além disso, aumentar sua proficiência na variedade do Hochdeutsch, como língua próxima, de inserção no mundo, presente na internet, na universidade, nas relações internacionais e de trabalho.
- 4º) Escrever não significa simplesmente dar uma imagem visual a um conjunto de sons. A escrita é uma convenção que se legitima por meio de seu uso na sociedade. Nos habituamos a uma forma pelo uso corrente, por exemplo em *show*, ou *Diesel*. E, mui-

tas vezes, a mesma forma é pronunciada de modo diferente, como ocorre, por exemplo, quando escrevemos o <r> e o <-te>, em português, e o pronunciamos de modo diverso. Se registrássemos todas as variantes de pronúncia, seria um caos, pois não teríamos como dar conta de toda a variação. Não é possível, portanto, uma escrita fonética que atenda a toda a variação e que seja mutuamente compreensível.

- 5º) É preciso, ao contrário, sistematizar a escrita, para que se perceba as relações entre as palavras, e para facilitar, pedagogicamente, a percepção e compreensão da relação entre as palavras. Um exemplo é o singular e o plural de determinadas palavras em que, no singular, o /r/ emudece, reaparecendo no plural: por exemplo, singular *Fenster* ou *Finster* ('janela'), em contrapartida ao plural *Fenstre* ou *Finstre*. Se escrevêssemos *Fensta*, de onde surgiria o <-r-> no plural? Sistema implica, assim, preservar relações entre elementos no conjunto da língua, para ajudar por exemplo a alguém que queira aprender a língua a enxergar essa relação.
- 6º) Como em todo sistema de escrita, há regularidades que facilmente se impõem, mas também há exceções e dúvidas que somente se resolvem pelo uso e pela tradição. Ou seja, nem tudo pode ser resolvido pela sistematização de regras; nesses casos, o uso ou prática corrente (= tradição) se impõe. Neste sentido, constitui um princípio central no sistema do ESCRITHU o respeito à tradição escrita do Hunsrückisch, porque a língua não se compreende apenas no tempo presente, mas também na história que a constituiu. Um exemplo são os sobrenomes herdados. Basta um sobrenome como *Schneider*, para abstrair dele no mínimo três regras de escrita:

- a) *sch-* = para o som de [ʃ];
- b) *-ei-* = ao som [ai];
- c) *-er* = som de [a] átono final.

Como sistema, esses conjuntos de grafemas, apoiados na tradição e história, com a qual buscamos dialogar, se tornam uma regra mais ou menos regular.

- 7º) Daí deriva o princípio da transferência e recorrência de regras de escrita. Isso implica dizer que, se escrevemos *Schneider* com *sch-*, *-ei-* ou *-er*, essas regras também valem para a escrita de *schon* 'já', *Leit* 'pessoas', *immer* 'sempre'. Podemos dizer que uma boa escrita é a sistemática, em que se mantém um padrão de regularidades.
- 8º) Sendo a função do Hunsrückisch e a finalidade de uma escrita dessa língua definidas por cada usuário individualmente, acrescenta-se o princípio fundamental de que o sistema de escrita apresentado aqui, como outros que existem (veja-se SCHAUMLÖFFEL, 2018), não devem ser uma imposição, mas muito mais uma sugestão e orientação. O que se buscou no presente volume de Hunsrückisch em Prosa & Verso foi uma padronização mínima, para alavancar uma tradição em que se estabelece um *habitus* de escrita que, paulatinamente, possa se tornar usual.
- 9º) Do exposto, decorre um princípio vital para a aquisição de um sistema de escrita: de que ele precisa ser aprendido e praticado, como qualquer língua, como já acontece na escolarização. Ninguém aprende a escrever uma língua em um dia, e sim precisa exercitá-la por meio da leitura e da prática de escrita. Esperamos que o presente volume de poemas e de textos em prosa possa ser o primeiro de muitos. Mas, como primeiro, torna-se uma referência importante para o segundo, o terceiro, e assim por diante. É sintomático que se trate de textos de cunho literário, ou pelo menos pretensamente literário, pois a literatura está na origem da fixação da escrita de uma série de línguas. É a literatura um grande mecanismo de fixação de um padrão de escrita.

10º) Finalizando, podemos dizer que a escrita do Hunsrückisch se pauta em um número relativo de regularidades compartilhadas com outras variedades do alemão e situações de uso da língua. Isso é necessário, porque um falante de Hunsrückisch possui um repertório plurilíngue que engloba não apenas o seu “alemão de casa”, mas também o domínio maior ou menor do português, além de, na maioria das vezes, fazer uso de diferentes variantes do alemão, conforme seu contexto (presença de outras variedades) e intenção de comunicação. Basta ver os diferentes eventos de letramento, ao ouvir o sermão e o coral na igreja, ou ter a visita de “um alemão” de outro lugar. Em outras palavras, faz parte da sua essência a diversidade linguística. Com isso, no mesmo texto – no mesmo Hunsrückisch! – podem-se mesclar variantes de variedades diferentes. Isso é da essência da língua e do contexto plurilíngue, em que é usada.

Regularidades da tradição escrita

A partir da tradição escrita em Hunsrückisch, bem como dos textos encaminhados ao Concurso Literário em Hunsrückisch que realizamos, no âmbito do Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI), é possível observar regularidades de escrita que representam os casos mais sistemáticos e consensuais. Essas regularidades podem ser facilmente aprendidas e automatizadas. Precisamos torná-las conscientes e claras. Por isso, listamos abaixo – em forma de guia de consulta – essas regularidades, para que o leitor possa observá-las nos textos que fazem parte deste volume:

Ausência de trema nas vogais <ü, ö, ä>

Abolimos o uso do trema em <ü, ö> para o *Umlaut*, pois o Hunsrückisch não arredonda as vogais, como no Hochdeutsch *müde*, *schön*. Ao invés disso, fala *mied*, *scheen*. Uma exceção, observada em muitos autores, parece ser a grafia de <ä>, para um /e/ muito aberto, como em *spät*, ao invés de *spet* (/e/ fechado).

Ausência de <ß>

O uso de <ß> serve para dizer, no Hochdeutsch, que a vogal anterior é longa, como seria de supor em *groß* ‘grande’, *Stroß* ‘estrada’ (al. *Straße*), *bloß* ‘somente’. No entanto, tem-se normalmente evitado esse grafema, no Hunsrückisch, pois é estranho a quem não está familiarizado com a escrita do Hochdeutsch. A opção é substituí-lo por dois <ss>. Fica a dúvida e a tarefa como fazer, neste caso, a distinção entre vogal longa e breve diante de dois <ss>. O contexto também auxilia neste sentido.

Vogal curta *versus* longa

Diferentemente do português, o alemão apresenta oposição de significado entre vogal longa e vogal curta. Por isso, o português não possui grafia para marcar essa duração da vogal. No alemão e, portanto, no Hunsrückisch, há pelo menos três maneiras de marcar que uma vogal é longa, por exemplo que é *lehne* ‘emprestar’, e não *lenne* ‘aprender’:

<V + CC> = vogal (=V) diante de duas consoantes (=CC, iguais ou diferentes) pronuncia-se como breve, como em *lenne* ‘aprender’, *Stenn* ‘estrela’, *honn* ‘ter’, *Lewwer* ‘figado’, *voll* ‘cheio’, *Brick*⁴ ‘ponte’, *Katz* ‘gato’, *Hund* ‘cachorro’.

<V + C> = vogal diante de uma consoante simples pronuncia-se como longa, como em *lewe* ‘viver’, *brige* ‘brigar’, *Mode* ‘moda’, *Blum* ‘flor’.

<V + h> = vogal diante de <h> pronuncia-se como longa, como em *lehne* ‘emprestar’, *stehn* ‘estar em pé’, *Hahn* ‘galó’, *Vohl* ‘pássaro’.

Existem, contudo, outras formas de marcar a vogal longa no alemão e, com isso, portanto, também no Hunsrückisch, por exemplo duplicando uma vogal:

<ie> = [i:] longo, como em *lieb*, *grien*, *Lied*. Note-se que, em *kriehn*, o *h* se deve a um *g* que havia, historicamente. Neste caso, não seriam necessárias as duas grafias para dizer que se trata de um /i/ longo. Bastaria uma. Mas o uso consagrou assim. Observe-se que, na grafia de *frih* ‘cedo’ (hdt. *früh*), se costuma escrever um <i> simples diante de <h>.

<ee> = [e:] longo fechado, como em *kleen*, *scheen*, *Tee*, *Steen*. Vale aqui, conforme já mencionado, o critério etimológico. Os dois *ee* estão no lugar de um *ei*, que aliás aparece no tipo *Deutsch* do Hunsrückisch. Há aqueles que pronunciam *Steen*, e aqueles que pronunciam *Stein* ‘pedra’.

<aa> = [a:] longo, como em *Fraa*, *Taaach*, *Naas*. Esta grafia serve para registrar a variante /a/ longo mais próxima do Hochdeutsch. Seu uso depende da variedade falada pelo autor, ou ainda da marcação estilística que se quer dar no texto à fala de determinado personagem. Por exemplo, em piadas, é muito comum.

<oo> = [ɔ:] longo aberto, como em *Froo*, *Tooch*, *Noos*. Dentre as variantes que nos deram maior dor de cabeça, está a grafia de /o/ aberto e longo. Essa variante é uma marca central do Hunsrückisch do tipo *Deutsch*, que os falantes de Santa Cruz do Sul referem como sendo *Laschoode-mäßig*, ou seja, à maneira como se fala em Lajeado - RS. Na discussão no grupo do ESCRITHU, propusemos o grafema de <oo> duplo, para evitar o uso de acento, que no nosso entender soava destoante do contexto e da tradição. Em muitos casos, encontram-se variantes como a forma pretérita *woo*, *woa*, *wor*, *woor* (hdt. *war*). De modo geral, contudo, sugerimos a grafia com <oo>.

Vogal dupla (ditongos)

Mas nem tudo que é duplicado, na língua, serve para marcar um alongamento. Há aqueles encontros vocálicos, em que duas vogais juntas preservam sua pronúncia, como ditongo. Neste caso, sugerimos constância e, para atender especialmente o 3º) princípio, mantemos as formas de ditongo correntes no Hochdeutsch. Língua é convenção. Por isso, convençionamos que:

<ei> = se pronuncia como [ai], como em *Schneider* ‘alfaiate’, *Wein* ‘vinho’, *Ei* ‘ovo’, *deitsch* ‘alemão’, *heit* ‘hoje’, *zwei* ‘dois’.

<eu> = se pronuncia como [ɔi], como em *Eu* ‘ovo’, *deutsch* ‘alemão’, *heut* ‘hoje’, *zweu* ‘dois’, *Meu* ‘visita’. Algumas dessas formas, sobretudo aquelas que não coincidem com o Hochdeutsch, e sim parecem palavras do português (caso de *Eu*, *Meu*), assumem uma grafia estranha. Talvez, por isso, se encontre na tradição escrita exemplos alternativos, como *zwoi*. Nossa inclinação é, no entanto, pela homogeneização em torno de uma regra única, isto é, que o som /oi/ se escreve com <eu>, sem exceções como o <oi>, visto que

4 A grafia <ck> equivale a dois kk e ocorre sempre depois de uma vogal.

também não está isento de sobreposições de significados (por exemplo, entre *Eu* ‘ovo’ e *Oi* ‘forma de cumprimento do português’). Alguns casos são inevitáveis. Pense-se na variante *Ei*, para ‘ovo’, em comparação com a interjeição *Ei*, do português. Este ditongo /ei/, aliás, aparece em algumas variedades dialetais do alemão no Brasil (por exemplo, pomerano). Para não se confundir com <ei> (pronunciado como [ai]), a alternativa que vemos são grafias do tipo <ej> ou <ey>, para a pronúncia [ei].

<au> = se pronuncia como em *Haus* ‘casa’, *raus* ‘para fora’.

<ui> = se pronuncia como em *Teekui* ‘cuia de chimarrão’, *Fui*, *Teiwell!* ‘interjeição de espanto e nojo’.

Vocalização do /r/

Por conta do princípio da sistematicidade da escrita (ver 5º princípio) e das normas do Hochdeutsch como ponto de partida (1º princípio), sugerimos o uso do <r> depois de <e>, com pronúncia vocalizada em lugar de [a]. Na tradição escrita do Hunsrückisch, aparece muitas vezes a opção por <a, ea>. Como, contudo, o uso de <r> não compromete a pronúncia do Hunsrückisch, pelo contrário coincide com a do Hochdeutsch e ainda beneficia a intercompreensão e aprendizagem mútua, achamos mais vantajosas as seguintes grafias:

<-er> em posição pós-tônica final, isto é, depois da sílaba acentuada, pronuncia-se como [a]. Exemplos: *Lehrer*, *immer*, *awer*, *unser*, *Schneider*.

<-er> em posição tônica, isto é, na sílaba mais forte, pronuncia-se como [ea]. Exemplos: *Wer* ‘quem’, *her* ‘para cá’, *schwer* ‘pesado’. O mesmo vale para as seguintes grafias:

<-ehr> = pronuncia-se como [ea], como em *Lehr* ‘ensino’, *Kehr* ‘curva’, *Ehr* ‘honra’, *mehr* (varia com *meh* ‘mais’).

<-eer> = pronuncia-se como [ea], como em *Meer*, *leer*. Como nestes dois exemplos, a grafia <-eer> ajuda a deixar mais clara a pronúncia [ea], também em outros exemplos, como: *Teer* ‘porta’ (hdt. *Tür*), *Scheer* ou *Scher* ‘tesoura’ (hdt. *Schere*), *geheert* ‘ouvido’ (hdt. *gehört*), *weer* ‘seria’.

Esta grafia se justifica também pelo fato de o [r] reaparecer no plural, como em *Teere*, *Scheere*, *weere*. O mesmo vale para outras combinações:

<-ier> = pronuncia-se como [ia], como em *Bier* ‘cerveja’, *hier* ‘aqui’, *vier* ‘quatro’.

<-ohr> = pronuncia-se como [oa], como em *Ohr* ‘orelha’, *Johr* ‘ano’, *Rohr* ‘cano’.

<-or> = pronuncia-se como [oa], como em *velor* ‘perdido’, *gebor* ‘nascido’, *Motor* ‘motor’.

<-uhr> = pronuncia-se como [ua], como em *Uhr* ‘relógio’, *Uffruhr* ‘movimentação, alvoroço’.

<-ur> = pronuncia-se como [ua], como em *Natur* ‘natureza’, *nur* (var. *nure* e *nore*) ‘somente’, *pur* ‘puro’.

Nem sempre as opções de uso apresentadas acima, de uso dão conta da marcação de formas diferentes, para evitar ambiguidade, daí ser recomendável usar também a grafia <-ea>, para completar um quadro como o seguinte:

mea ‘nós’ (hdt. *wir*)
mer var. *mir* ‘para mim’
Meer ‘mar’
mehr var. *meh* ‘mais’

Note-se que todas estas formas revertem na mesma pronúncia, mas a escrita se orienta por outros processos. Não se tem, na escrita, por exemplo, o recurso da entonação, para

deixar claro que se trata de *mea net* ‘nós não’, e não de *mer net* ‘para mim, não’. A função gramatical distinta é marcada pela grafia distinta.

Conforme já foi dito, em termos de sistema de escrita, o uso do <-r> se justifica, porque muitas vezes, no plural, tanto de substantivos, quanto de verbos conjugados, reapparece na pronúncia. Exemplos: *Uhre, Johre, heere, veleere* var. *veliere*.

Elisões, isto é, a junção de palavras pronunciadas como se fosse uma (por exemplo, *honn’se* ‘tem eles’): uso do apóstrofe

Na mesma lógica do /r/, colocam-se também as elisões de palavras, que ocorrem quando um pronome ou artigo é usado logo depois do verbo e pronunciado “como se fosse uma palavra só”. Nos textos inscritos para o Concurso, essas elisões foram bastante frequentes. O uso do apóstrofe mostrou-se, neste caso, providencial, para entender a expressão e distinguir claramente o verbo e o que representa o pronome ou artigo. Nessas elisões, apareceram muitos casos de rotacismo, isto é, de palavras em que um /t, d/ mudou para /r/. Isso é uma variável muito interessante do Hunsrückisch: há aqueles que dizem *Boddem* ‘chão’, *Foodem* ‘fio’, *hotte* ‘tiveram’, e aqueles que dizem *Borrem*, *Foorem*, *horre*, e até *brorre* ‘assar’. São exemplos retirados dos textos:

Horra, corrigido para *horr’er*, isto é, *hot er* var. *hat’er* ‘tem ele’;
Honse, corrigido para *honn’se* ‘tem eles’;
werr’er (compare-se *wedder* ‘vai ele’ [hdt. *wird er*];
dass’se (‘que eles’) en *Pooter von Sankt Lepoldo komme losse musste*.
hot’s [hat es, ou hat das];
daf’et, forma moselana equivalente a *dass es* ‘que isso’;
dann kannscht’de ‘daí pode tu’;
nohch’em [hdt. *nach einem*] *Steinreechen* ‘depois de uma chuva de pedra’;
schon’en *Woch vorher* ‘já uma semana antes’;
Emil unn’s *Lucinda* (‘Emil e a Lucinda’);
Die honn’n ‘o tem’ *net dicht on der Palast komme geloss, weil’s* ‘porque eles’
net on’n ‘nele’ *gegloob honn*.
Fromm genuch woor’er ‘foi ele’, *awer do bei horr’er* ‘tem ele’ *sich och ingebilt*,
dass de Pooter alles uff de Welt weer.
honn’sen ‘o tem eles’ *abgesetzt*

Consoante dessororizada (= pronunciada como surda) e aspirada (= acompanhada de aspiração)⁵

Uma distinção importante que caracteriza o Hunsrückisch é a dessororização das consoantes sonoras em posição tônica (sílabas acentuadas), como nos exemplos seguintes:
 = dessororizado como em *hoode* ‘banhar’, *Boddem* ‘chão’, *Bock* ‘bode’, *beikomme* ‘aproximar-se’, *bete* ‘rezar’.

5 A “troca de letras”, como normalmente se denomina a não distinção por exemplo entre um /b/ e um /p/, tem a ver com a dessororização, isto é, quando se tira a sonoridade do /b/ que soa como /p/. Em muitas palavras, o /p/ costuma ser pronunciado com aspiração, isto é, como um /ph/, como em *Patt* ‘padrinho’. Na escrita do Hunsrückisch, como convenção, optamos por respeitar a origem da palavra, mas, na pronúncia, se pronuncia como /p/, sem aspiração, como por exemplo em *Bock* ‘bode’. Um ou outro pode pronunciar como /b/, que não muda o significado. Acontece algo semelhante no português, quando se escreve *dente*, mas se pronuncia /dêntʃi/.

<d> = desonorizado como em *Donnerstach* ‘quinta-feira’, *dorch* ‘através’, *Dach* ‘telhado’, *drucke* ‘imprimir’, *dick* ‘gordo, grosso’.

<g> = desonorizado como em *Goot* ‘jardim, horta’, *Gott* ‘deus’, *ganz* ‘inteiro’, *Geld* ‘dinheiro’, *Glick* ‘sorte’, *gut* ‘bom’.

Quando se escreve <p, t ou k>, em seu lugar, pressupõe-se que a consoante seja aspirada, embora isso nem sempre seja assim. Compare-se, no entanto:

<p> = aspirado como em *Pooter* ‘padre’, *Pocke* ‘sarampo’, *packe* ‘consequir’.

<t> = aspirado como em *Totte* ‘torta’, *Tante* ‘tia’.

<k> = aspirado como em *koot* ‘jogar cartas’, *kotz* ‘curto’, *Kitt* ‘corrente’.

Como mostram os exemplos, o falante pode, em posição pós-tônica (depois da sílaba mais forte), pronunciar a consoante com ou sem sonoridade (por exemplo, [p^hake] ou [p^hage]), que não se altera o sentido. São variantes. A escrita desse tipo de grafema depende, é verdade, de um certo conhecimento prévio da escrita da palavra, mas a sua leitura não deve ser um problema. Na dúvida, usa-se <b, d, g> para pronúncia desonorizada e não aspirada, e <p, t, k> para pronúncia aspirada, sendo que em posição pós-tônica, predomina a grafia de consoante surda <p, t, ck>, mesmo que o Hunsrückisch a pronuncie com sonoridade. Essa opção atende aos princípios descritos acima, em que se tenta manter uma certa similaridade e diálogo entre variedades distintas do alemão, facilitando a aprendizagem e compreensão. Afinal, a escrita do Hunsrückisch não se orienta apenas para a produção de textos, mas também para a compreensão de leitura. E quanto mais se instaurar o costume da leitura, tanto mais irá crescer a familiaridade com a escrita. Isso, é claro, irá depender de materiais, como este livro.

Consoante sibilante = todas as variações do /s/

O <s> sozinho costuma ser pronunciado, no Hunsrückisch, como uma consoante sibilante surda, diferente do alemão-padrão que sonoriza para [z]. São exemplos do Hunsrückisch:

<s> = [s], como em *Sunn* ‘sol’, *Sack* ‘saco’, *soll* ‘deve’, *siwwe* ‘sete’.

Em posição pós-tônica, aparece com frequência como

<ss> = pronuncia-se tanto surdo [s], quanto sonoro [z], como em *Wasser* ‘água’, *dassse* ‘que eles’, *losse* ‘deixar’.

É comum, no Hunsrückisch, a variação entre um /s/ sibilante e um /ʃ/ palatalizado, isto é, com chiado, por exemplo, diante de /p, t/:

<st> = em posição tônica (acentuada), pronuncia-se com chiado, como em *Steen* ‘pedra’, *stelle* ‘colocar’, *stehle* ‘roubar’;

<sp> = idem, como em *Sport* ‘esporte’, *spreche* ‘falar’, *spiele* ‘jogar, brincar’.

Depois de uma vogal, <st> e <sp> podem ser pronunciados tanto com chiado, quanto sem. Fica à escolha do leitor e na dependência da variante mais usada por ele. Alguns autores, no entanto, tendem a marcar o chiado nesta posição, propondo a grafia <scht> ou <schp>, sobretudo na conjugação de verbos na segunda pessoa, por exemplo *du wooscht* ‘tu foste’ (hdt. *du warst*), *du hoscht*, ao invés de *du host* ‘tu tens’. É uma opção pessoal. Em sílaba tônica (forte), ela é desnecessária, porque <sp, st> já se pronunciam como /schp, scht/. E ainda inflaciona a grafia com um número muito grande de consoantes que podem confundir o leitor. Ela se justifica, no entanto, quando se quer marcar o chiado de forma explícita.

Diante de vogais e das consoantes /m, n, l, r, w/, escreve-se <sch>, como no Hochdeutsch: <sch> = como em *schenne* ‘xingar’, *schmecke* ‘degustar’, *schnell* ‘ligeiro’, *schlau* ‘esperto’, *schreibe* ‘escrever’, *schwitze* ‘suar’.

O <ch> de *ich* e de *mache*; e o <h> de *Hals*

Existe, no Hunsrückisch, uma consoante comum ao Hochdeutsch que inexistente no português, pelo menos desta forma. Trata-se do som de <ch>, que tem duas pronúncias, porém sempre com a mesma escrita <ch>:

<ch>¹ = depois das vogais /i, e, ε/, pronuncia-se mais no céu da boca, como em *ich* ‘eu’, *Milch* ‘leite’, *richtich* ‘certo’, *Weech* ‘caminho’, *wech* ‘fora’;

<ch>² = depois das vogais /a, o, ɔ, u/, pronuncia-se mais para trás da língua, como em *Bach* ‘arroyo’, *koch*e ‘cozinhar’, *Buch* ‘livro’.

<h> = diante de vogal, pronuncia-se como em *Hals* ‘garganta’, *Haus* ‘casa’, *Hetz* ‘coração’, *Honich* ‘mel’.

Africadas e vice versa: combinações de consoantes

Há, nas línguas, consoantes que, embora sejam um grafema, se pronunciam como dois. É o caso de <z> e <x> que, como no Hochdeutsch, se pronunciam respectivamente sempre como [ts] e [ks]:

<z> = [ts] como em *Zimmer* ‘quarto’, *zackre* ‘lavar’, *ziehe* ‘puxar’;

<x> = [ks] como em *Taxi*, *Ax* ‘machado’, *Hex* ‘bruxa’.

Outras vezes, têm-se encontros consonantais, em que as consoantes mantêm sua pronúncia:

<chs> = [ks] como em *wachse* ‘crescer’, *nechst* ‘quase’.

<tz> = como em *Katz* ‘gato’, *spitz* ‘afiado’;

<nk> = como em *Bank* ‘banco’, *zenke* ‘brigar’, *lank* ‘longo’.

O contrário também ocorre, ou seja, dois grafemas se fundirem em um único som.

Exemplos:

<ng> = [ŋ] como em *Finger* ‘dedo’, *lang* ‘demorado’, *Hoffnung* ‘esperança’;

<ck> = [k] como em *Becker* ‘padeiro’, *Rock* ‘vestido’, *backe* ‘cozinhar’.

<f> ou <v>: variação na escrita

Uma das distinções com grafia mais variável na tradição escrita do Hunsrückisch é a distinção entre <f> e <v>. Essa oscilação pode ser observada nos textos selecionados para o Concurso, neste volume, sobretudo na grafia do prefixo *ver-*, escrito como *fa-*, *fe-*, *fo-* ou como *va-*, *ve-*, *vo-*. Como a escrita é um instrumento que atende não apenas à necessidade de produção de textos, nossa sugestão é manter mais firme a grafia com <v> (neste caso, *ve-*, *va-* ou *vo-*), para permitir comparações entre variedades do alemão. É uma decisão de impacto maior do que se imagina. Em um dicionário, por causa da tradição em favor de <v>, o mais provável seria alguém consultar pelo significado de *verickt* na letra <v>. Em outros exemplos do léxico, o uso de <v> com pronúncia de [f] é mais regular:

<v> = pronúncia como [f] como em *Volkswagen*, *vier* ‘quatro’, *von* ‘de’.

<f> = pronúncia como [f] como em *Fenster* ‘janela’, *faul* ‘preguiçoso’.

Muitos se perguntam, como saber se escrevemos com <v> ou <f> determinada palavra. A resposta é a de muitas línguas: o hábito de uso de uma grafia se fixa, inicialmente, através da leitura.

Consoantes com pronúncia constante: relação 1 x 1

Por fim, encontramos consoantes típicas do alemão que têm uma pronúncia relativamente constante e própria:

<w> = sempre se pronuncia como [v], como em *Wein* 'vinho', *was* 'o que', *wie* 'como'.

<j> = se pronuncia como um [i] aspirado, como em *jung* 'jovem', *jetz* 'agora', *jachte* 'caçar'.

Outros fatores: palavras frequentes e palavras gramaticais

O quadro apresentado acima representa uma tentativa de sistematizar o que poderia ser regular. Estamos cientes de que ele não dá conta de tudo. Há outros fatores que contribuem para isso.

Um deles é o próprio uso e prática de escrita em Hunsrückisch. Se uma regra é boa ou ruim, será a prática e circulação de um padrão de escrita que irá fixar sua aceitação e validade. Muitos carecem de um primeiro estímulo e orientação. O quadro de regras e regularidades apresentado aqui tenta auxiliar neste sentido.

Também pelo uso, irão resolver-se os casos não previstos. Fazem parte do que é usual na escrita de uma língua um grande número de palavras gramaticais e palavras frequentes que se convencionou escrever de um modo estável, por exemplo palavras como em *awer* 'mas' e *iber* 'sobre'. Como são frequentes, facilmente se pode padronizar sua grafia. Apresentamos a seguir uma lista desse tipo de palavra gramatical e frequente, que julgamos pertinente, a quem queira escrever em Hunsrückisch, memorizar.

Lista de palavras gramaticais e palavras frequentes

Artigos: *der, die, das, dem, en, enne, kenn, kenne*

Numerais cardinais: *eene, zweu ou zwei, drei, vier, fennef, sechs, siwwe, acht, neun, zehn, ellef, zwellef, dreizehn, vierzehn ...*

Numerais ordinais: *eerste, zwette ou zweite, dritte, vierte, fennefte, sechste, sibte, achte, neunte, zehnte, elfte, dreizehnte, vierzehnte ...*

Pronomes interrogativos: *wer, wo, was, wie, wann, warum, wohin, woher, wie oft, wievell ou wie viel ...*

Pronomes pessoais: *ich, du, dee ou der, die, das, mea ou mia, dea ou dia, die ...*

Partículas e advérbios: *so, ooch, net, goo net, sogoo, mo ou mol, immer, noch, ganz, genn, oft, sicher, next ou nechst, nix, niemand, nore ou nure, bloss, hier, doch, alles, viel, wenich, en bissche, eenter, nimme, manichmo, alsmo, eenfach, denoh, rom ...*

Preposições: *uff, fo ou fa, von, mit, on, um, aus, unner, bis, bei, iber, vor, hinner, hinnich, newe, noh, weche, hin, her, zu, entweder ...*

Conjunções: *unn, awer, well, dass, wenn, ob, ore, eb, fo ... se, sowie ...*

Verbos auxiliares: *muss, misse, kann, kenne, will, wolle, soll, solle, derf ou deref ou teref, derfe ou terfe, hot, honn, is, sinn ou senn, woo ou wor ou woa, weer, wedd ou werd ...*

Verbos frequentes: *mache, tun ou ton, soohn ou sahn, frohe, gefroht, spreche, vezehle, kriehn ou kriehe, losse, gehn, komme, kenne, gekennt var. gekannt, lenne, menne var. meine...*

Conclusão e perspectivas futuras

O quadro apresentado acima não pode ser visto como uma escrita fechada. Ele não resolve tudo; seu propósito maior, no entanto, é

- a) dar um padrão mínimo de orientação, sobretudo onde pode haver um consenso maior;
- b) permitir contemplar variantes do Hunsrückisch, de pronúncia mais moselana (*dat-wat-Sprecher*), mais renana (*das-was-Sprecher*) ou mais próxima do Hochdeutsch;
- c) ser flexível suficiente, para tolerar opções de escrita pessoais, desde que se mantenha um certo padrão.

Os textos selecionados para o I Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017 tiveram sua escrita adaptada, conforme esses três critérios: padrão mínimo consensual (baseado no ESCRITHU, conforme o edital), respeito às variantes do autor e tolerância a opções de escrita. Isso é importante, porque este volume, por ser o primeiro, será uma referência importante aos novos que vierem a escrever em Hunsrückisch. Torcemos que novos escritores surjam, que se animem a expressar na sua língua materna conhecimentos e percepções do mundo que são possíveis especialmente na língua em que nos criamos e em que desenvolvemos nossa sensibilidade. Nada mais poderoso do que a literatura para esse fim, digno de toda a consideração.

Sobre muitas dessas grafias ainda pairam dúvidas que irão se resolver “com o andar da carroça”, isto é, pela prática e pelo uso. O que nos importa, por ora, é resguardar o direito de cada um a saborear sua língua materna, expressando-se nela pela escrita, e de fornecer ferramentas que ajudem a conhecê-la melhor. E quem sabe, a quem não é falante do Hunsrückisch, ou não o é mais, também se facilite o caminho para que possa (re)aprender o que o destino não lhe proporcionou, quando ainda era criança.

Referências bibliográficas

- ALTENHOFEN, Cléo V.; FREY, Jaqueline; KÄFER, Maria Lidiane; KLASSMANN, Mário; NEUMANN, Gerson; SPINASSÉ, Karen P. *Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch*. In: Revista Contingentia, v. 2, p. 73-87, nov. 2007. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/3867>.
- SCHAUMLOEFFEL, Marco Aurélio. *Questionamentos e discussões essenciais acerca de um possível sistema de escrita para o Hunsrückisch brasileiro*. In: Revista Trama, v. 14, n. 31, p. 122-134, 2018. Disponível em: <http://schaumloeffel.net/wp/2018/02/01/questionamentos-e-discussoes-essenciais-acerca-de-um-possivel-sistema-de-escrita-para-o-hunsruckisch-brasileiro/>.